

**O AMANUENSE BELMIRO:
A ANGÚSTIA DA
OLIGARQUIA DECAÍDA**

NOBILE, Ana Paula Franco¹

¹ *Doutoranda pela UNESP/Assis, da área de Literaturas de Língua Portuguesa - linha de pesquisa: Crítica e História Literária.*

RESUMO: A partir das ambigüidades estruturais de tempo e de espaço inscritas no romance *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, publicado em 1937, este artigo tem como objetivo discutir o seu substrato histórico, evidenciando um momento histórico da realidade brasileira: a perda da autoridade do mando da oligarquia rural brasileira.

PALAVRAS-CHAVES: *O amanuense Belmiro*; Ambigüidade Estrutural; Tensão Histórica

ABSTRACT: From the structural ambiguities of time and space present in *O amanuense Belmiro*, from Cyro dos Anjos, published in 1937, this article aims to discuss its historical substratum, portraying a historical moment of the Brazilian reality: the loss of the bossy authority of the rural Brazilian oligarchy

KEYWORDS: *O amanuense Belmiro*; Structural Ambiguity, Historical Tension.

Embora seja exagero afirmar que se pode narrar o tempo, não constitui certamente empresa tão absurda, como nos parecia de início, a de querer narrar coisas do tempo (A Montanha Mágica, Thomas Mann).

I. SAUDADES DO ANTIGAMENTE: AS MARCAS DO MANDO

O amanuense Belmiro é realizado em forma de diário e conta a história de um pequeno funcionário público, medíocre e sem significação social, solteirão convicto e celibatário, que vive na companhia das irmãs, as quais recebera depois que os pais morreram e a fazenda foi vendida. Vive uma existência pouca atrativa, restrita a contatos fortuitos e a convívios de bairro, meio bem apropriado ao apagado amanuense, tímido sensitivo, meio cínico e meio lírico, inteligente e educado, mas privado de vontade. De vida íntima cheia de inquietações, Belmiro se encontra dividido entre duas épocas, o passado - representado por Vila Caraíbas, espaço da infância e da adolescência - e o presente - representado pela cidade de Belo Horizonte, espaço da vida adulta. Dessa existência morna, porém, o narrador-protagonista encontra uma sorte de libertação ao escrever no diário, que o permite racionalizar sobre os fatos da vida.

Para bem entender esta história de decadência, necessário é levar em consideração as páginas iniciais de *O amanuense*, uma vez que parecem esboçar as linhas mestras que guiarão o leitor a Belmiro, e onde já afloram os temas essenciais que possibilitarão a leitura social do livro.

O primeiro capítulo, que descreve a alegre véspera de Natal de 1935, introduz-nos a uma situação concreta: amigos comemoram, no bar de um parque, na área central de Belo Horizonte, entre rodadas de chope, a data festiva. E é nesse bar do parque que se vê, em poucas linhas e com economia, leveza e despreocupação, um cenário singular, que se distingue de todos os outros – mulatas indo e vindo, soldados do regimento de Cavalaria, pretos reforçados, o proletariado negro que não pára de chegar, garçons, um alemão.

No segundo capítulo, com a mesma desenvoltura, facilidade e rapidez da prosa, entramos na casa de Belmiro, onde mora com as duas irmãs mais velhas, Emília e Francisquinha: uma é esquisita, a outra louca, uma faz renda de bilro e a outra desembaraça os fios, segundo a tradição da casa.

Porém, é no terceiro capítulo que, contrariando o andamento leve e descompromissado dos dois primeiros capítulos, surge o conflito. Arrependido por ter se “metido em serenatas e outras relaxações” (ANJOS, 1989: 10), Belmiro se lamenta pela decadência da família e depois pela venda da fazenda. Filho de um grande proprietário de terras, deixa Vila Caraíbas e muda-se para Belo Horizonte, onde se torna amanuense e literato. Ao contrário do tronco familiar forte e vigoroso, Belmiro se considera um Borba errado, aquele que negara as virtudes da estirpe.

É do alpendre da sua casa, na Rua Erê, bairro em que mora na cidade de Belo Horizonte, sentado numa velha cadeira austríaca, que Belmiro leva a passear longe o pensamento, por outras ruas e por outros tempos. Um comentário, uma expressão, uma música, qualquer coisa, desencadeia de pronto no personagem, num processo rememorativo, a passagem para a infância. O episódio do cego tocador de sanfona é um exemplo de como é fácil Belmiro descolar-se do seu dia-a-dia e transformar a Rua dos Guajajaras, em Belo Horizonte, na Ladeira da

Conceição, em Vila Caraíbas, entregando-se às reminiscências. As lembranças de Belmiro, com relação ao mundo rural de Vila Caraíbas, permanecem, sobretudo, na forma de evocação nostálgica e saudosista de um paraíso perdido.

Verifica-se que a pouca atração despertada pelo presente, leva Belmiro a buscar o tempo ido, já que é o pequeno mundo de Vila Caraíbas que se avulta a seus olhos. A busca do passado, para Belmiro, representa a busca de si próprio, a busca pela totalidade do seu ser, segundo suas próprias palavras: “Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugidias de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio”(ANJOS, 1989: 15).

A sua fixação pelos tempos já vividos é tanta, que ainda que queira subtrair o passado, ele coexiste com o presente. Exemplo disso se dá quando o narrador decide escrever, ao invés de apontamentos para um livro de memórias - desejo já outras vezes iniciado -, um diário. O motivo para o malogro do plano é um só, Carmélia, moça rica da sociedade belohorizontina, com a qual Belmiro manteve um efêmero contato numa noite de Carnaval.

Se a causa da mudança dos planos é a moça mineira, ela, no entanto, não existe como criatura de carne e osso, ao menos para Belmiro. Muito embora Carmélia seja real, para o amanuense ela encarna e, por isso faz reviver, o mito infantil da “donzela Arabela”, uma história a qual ouvia ainda criança na fazenda. A coincidência das imagens atuais com as da infância e da adolescência, tratam de transformar Carmélia nas “donzelas” de Vila Caraíbas.

A partir, então, das encarnações infantis, nota-se que o passado metamorfoseia-se em presente, que se apresenta sob aspectos enganosos, encarnando formas pretéritas. Nesse sentido, é que o método amatório de Belmiro não é realista. Na verdade, a conexão do presente com o passado não dá acesso a Carmélia, é apenas um arranjo interior de imagens, que não leva em conta a ordenação objetiva da vida, e mostra, uma vez mais, o seu confinamento às imagens do que já foi.

Misturando os tempos desordenadamente, uma vez que a passagem de um tempo a outro é quase sempre súbita, Belmiro, nessa seqüência de idas e vindas, torna-se dual: “Esse absurdo de

Vila Caraíbas tem uma força que supera as zombarias do Belmiro sofisticado e faz crescer desmesuradamente, em mim, um Belmiro patético e obscuro” (ANJOS, 1989: 20). Ou então: “A um Belmiro patético que se expande, enorme, na atmosfera caraibana – contemplando a devastação de suas paisagens – sempre sucede um Belmiro sofisticado, que compensa o primeiro e o retifica, ajustando-o aos quadros cotidianos (ANJOS, 1989: 74).

Verifica-se, a partir dos trechos transcritos, que há um ‘eu’ e um ‘outro’, um ‘primeiro’, e, implicitamente, um ‘segundo’, e que cada um deles, o patético e o sofisticado, faz parte de um tempo e de um espaço determinados. O sofisticado do tempo presente e, conseqüentemente, de Belo Horizonte; o patético, do tempo passado e de Vila Caraíbas. À divisão de dois Belmiros em um só verdadeiro segue-se o confronto de duas personalidades completamente distintas, decorrente, da coexistência espaço-temporal.

Na verdade, o zigue-zague temporal, que se desdobra num zigue-zague espacial, configura-se, aos olhos de Belmiro, antes de tudo, como um conflito permanente que há dentro de si, ocorrido no domínio espaço-temporal. Ora, assim como o presente coexiste com o passado, Belo Horizonte com Vila Caraíbas, também dois Belmiros, apesar de contrários entre si, são ao mesmo tempo o analista e o lírico.

A tentativa de recuperar o tempo perdido, e, assim, reintegrar o seu ser dividido, é que leva o burocrata Belmiro a transitar entre o agora e o outrora. Ao projetar, nesse tempo perdido, toda a sua ansiedade de reconciliação consigo mesmo e com o mundo, ele se frustra. O passado também não anulará suas antinomias.

Com efeito, o amanuense percebe, pouco a pouco, que são inúteis seus esforços em tentar reintegrar porções que se perderam. Sua ida a Vila Caraíbas confirma que é vão qualquer desejo de volta, de captar novamente o momento passado. Mas, mesmo consciente dessa impossibilidade de recompor sua infância e juventude, essa obsessão pelo passado é, na verdade, um peso do qual ele não consegue desvencilhar-se.

Assim como Carmélia que humaniza o mito infantil e a namorada da adolescência, também a sua casa na Rua Erê, bairro periférico de Belo Horizonte, restabelece a identidade

e o conforto da casa paterna: “Fechado dentro de casa, tenho a impressão de que estou não em Belo Horizonte, mas no âmbito da fazenda, na atmosfera rural da casa, em cuja sala de jantar este mesmo relógio de repetição assinalava as horas de um grande dia, grande (ANJOS, 1989: 113).

A casa na Rua Erê é o espaço de seu reajustamento emocional, porque abriga a figura dominadora da casa: Emília. É nela que se encontra a tradição, o ramo vigoroso dos Borbas. Belmiro vê manifestado nela, na sua rispidez, na sua rudeza, enfim, na sua expressão integral, a virilidade dos Borbas: “A autoridade que emana de Emília e das sombras familiares que povoam esta casa basta, para sustentar nela, em plena vigência, aquilo a que tenho chamado sistema Borba” (ANJOS, 1989: 93).

O aparecimento das “manas”, no segundo capítulo, já indicia essa continuidade da tradição caraibana, representada pelo bilro. Entremostra-se, ainda, em outras passagens do texto, que é Emília a mantenedora do “sistema Borba”. No aniversário de Belmiro, por exemplo, prepara-lhe o peru tradicional, e uns pastéis, segundo “um rito especial de Vila Caraíbas” (ANJOS, 1989: 51), quando o irmão recebe visita dos amigos. Assim, a figura de Emília, bem como o espaço da casa, devolve ao amanuense a proteção, o bem-estar que a cidade lhe tomara: “Como esta Rua Erê me entenece! Cá estou, e melhor não fora ter saído [...] É aqui nesta sala de jantar, onde o relógio de repetição bate horas caraibanas, que encontro refúgio, embora precário” (ANJOS, 1989: 167).

Levando em consideração o que até agora foi exposto, pode-se verificar que Belmiro focaliza, sobretudo, a sua vida pregressa, como indica a obsessão que ele mantém com o tempo ido. Obscuramente, ele sabe que a chave do seu problema emocional está no passado. Inicia, então, o resgate do passado de Vila Caraíbas, que aparece como experiência que deseja ser reconquistada, seja por reintegrar seu ser dividido, seja por trazer de volta a solidez, o abrigo do mundo rural, ou por reter sentimentos já perdidos. Entretanto, Belmiro sabe que é inútil reintegrar porções que se perderam. Vila Caraíbas se coloca como impossibilidade porque é um tempo sem retorno, não passível de reprodução.

Do romance, entretanto, ficam perguntas que não se querem calar: Não haverá por detrás dessa sua vontade de visitar e recuperar o passado, algo, que, por pudor ou vergonha, necessita ser encoberto? Não estará ele dissimulando, escamoteando a verdade sobre essa sua inadaptação ao atual?

Para Pinheiro Lemos, em artigo publicado a 11 de novembro de 1937, Belmiro

... sabe que é sobra no presente. Nenhuma possibilidade de amor, de audácia ou de compreensão. O único recurso é ir vivendo, ou antes, ir sendo vivido, sem revolta, sem protestos. Apenas, às vezes, se impaciente, marca o seu desprezo pelo progresso, e fala do telefone, "como uma dessas máquinas". (PINHEIROS, 1937)

O autor conclui dizendo ser ele um saudosista, um antimoderno, um reacionário, enfim.

Conquanto curta, a citação é flagrante e põe em xeque os motivos profundos do seu apego às coisas passadas. "O mundo velho que era bom", diz Lemos sobre o narrador. Bom, mas por quê?, voltamos a perguntar. A resposta é uma só: porque todo o seu drama vem de não poder, verdadeiramente, ressuscitar o passado, nem si mesmo, pois nele nada mais há da enérgica e velha estirpe dos Borbas, nem do poderio econômico e moral da linha tronco.

2. A PERDA DO MANDO: ANGÚSTIA HISTÓRICA

O que está em jogo em *O amanuense Belmiro* é o conflito de dois tempos históricos distintos que correspondem a espaços, valores sociais e culturais também diversos, que se formalizam no nível estético, como irreconciliáveis para a vida do protagonista. De um lado, tem-se o tempo presente da cidade, da vida urbana; de outro, o passado do campo, da vida rural. São as contradições e conflitos dessa diferença histórico-temporal/espaçial vividos pelo narrador-personagem, que dão feição particular à linguagem deste romance, que atualiza, esteticamente, uma espécie de "angústia" presente na nossa formação social.

Trata-se de um herdeiro de grandes proprietários rurais que percebe, impotente, o tempo e a modernidade usurparem o seu poder de "mando", e, a partir dessa posição, por assim dizer, rebaixada, descreve, narra e analisa, com uma visão desencantada, o mundo agrário em desagregação.

Na verdade, os seus arrancos e fugas em “busca do tempo perdido” de Vila Caraíbas, revelam a inadaptação do antigo sertanejo às complicações da vida citadina. O pequeno mundo caraibano que Belmiro traz dentro de si entra em choque com o ritmo urbano no qual leva a sua vida. E em meio a essas solicitações contrárias, reconhece-se como o Borba errado, uma versão degenerada de algo que teve o seu brilho rural e que poderia ter continuado a ter se não tivesse gasto “as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes”.

Nesse sentido é que o terceiro capítulo abre caminhos à interpretação que ora se pretende, uma vez que a lamentação do protagonista, tingida de um certo tom de arrependimento e culpa, por ter abandonado a fazenda que precisava de braços moços:

Neguei as virtudes da estirpe. Sou um fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas, que teve o seu filho rural. Em face do código da família (cinco avós, pelo menos, estão me dizendo – ilustres sombras!) foi um crime gastar as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes. Lá estava a fazenda, grande, poderosa como um estabelecimento público, com lavouras à espera de cuidados moços. Sinto muito, avós. (ANJOS, 1989: 10)

Rompendo a continuidade do modelo familiar, o último dos Borbas reconhece-se, embora pertencente a uma árvore genealógica produtiva, distante do perfil do herdeiro desejado. Não possuindo a força, o poder de expansão, a vitalidade dos de sua raça, Belmiro fracassa frente ao ramo vigoroso dos Borbas. Nele, portanto, a estirpe encontra seu ponto final.

Nesse sentido é que o aprisionamento do mundo rural, que se desdobra em visão encantatória e sentimental, não produz outra coisa senão a paralisia e a esterilidade no presente, que nem sequer se transforma em revolta:

Há nas intermináveis chapadas do sertão, pequenas árvores que não dão frutos, nem sombra, nem possuem raízes medicinais. Ali estão, talvez, para compor a paisagem. Não estarei aqui somente para integrar o vasto painel humano ponto de luz ou sombra, molécula puramente pictórica, sem outro destino? (ANJOS, 1989: 168)

Na contradição da vastidão e solidez do mundo rural, o presente – tempo de encolhimento da experiência no espa-

ço da cidade ³ - formula-se, simultaneamente, como símbolo da sua desestruturação histórica e pessoal. O desmoronamento do mundo agrário e a sua reinserção no novo contexto – urbano -, que se apresenta como signo de morte e decadência, conforma a tensão histórica proposta, que é a perda da autoridade do mando da oligarquia rural brasileira.

O declínio da família patriarcal rural, no plano histórico, suspende a autoridade todo-poderosa do patriarca e de seus herdeiros, que, na sua desimportância social, têm que se reinserir em um novo modo de ser, pensar e sentir o mundo, mais estritamente relacionado a um padrão e norma da sociedade urbano-industrial.

No plano da narrativa, essa fratura histórica é representada pela desarticulação espaço-temporal contínua na linguagem de *O amanuense Belmiro*, que, ao se dar no espaço interior do personagem-protagonista, configura a tensão dramática e o conflito por outrora ter sido o “dono-da-voz”. Afastado definitivamente do seu passado agrário e latifundiário, Belmiro é absorvido pela burocracia, que como tudo o mais, não poderia ser marcada por maior ambigüidade. O filho, herdeiro da derrocada patriarcal rural, é introduzido na atividade pública por meio da sinecura, graças à influência de seu pai junto a um deputado ⁴. Mas isso não desfaz o fato, este histórico, de que esta integração corresponde ao crescimento das funções do Estado na sociedade brasileira, após 30. Também histórico, a narrativa põe a nu as práticas do favor que as suas origens de representante do mundo rural, garantiram-lhe apelar sempre que necessário ⁵.

² No capítulo 83, cujo título é não por acaso “A vida se encolhe”, Belmiro diz: “Minha vida se reduz a Emília, Carolino, Giovanni e Prudêncio. Isto é: encolhe-se na Rua Erê, como dentro de um caramujo” (ANJOS, 1989: 172).

³ Quando seu pai em viagem a Belo Horizonte descobre que o filho entregara-se a uma sorte de letras nada rendosas, houve discussão. Depois de passado algum tempo, um deputado introduzira-o na burocracia: “Voltou com uma grande dor no coração, para agravame de sua insuficiência mitral, e mais tarde um deputado me introduziu na burocracia” (ANJOS, 1989: 11).

⁴ Como por exemplo, quando do sumiço do filho de Giovanni, que pede ajuda aos “amigos da polícia”; ou quando pede a mediação do senador Furquim para recuperar livros e documentos de Redelvim; ou ainda quando do seu suposto envolvimento com os anarquistas, que gerou sua posterior detenção, consegue que a revista à sua casa seja feita juntamente com Glicério, de modo a não assustar Emília.

É, então, desse processo de desenraizamento a um mundo que não possui mais vigência concreta para ele, que Belmiro figura o modelo da perda da voz de mando, para assumir, através da sua atividade de pequeno funcionário público, a “voz-do-dono”, ou seja, do Estado.

O deslocamento, que ocorre com Belmiro, de transitar de uma esfera social ‘tradicional’, pouco urbanizada, para um espaço social mais moderno, com as decorrentes perdas que essa mudança abriga, formaliza o que Antonio Candido chama de “desaristocratização”, concebida como um novo olhar dos anos 30 sobre “as contradições entre as formulações idealistas da cultura e a terrível realidade da sua fruição ultra-restrita”, primeiramente, e depois, por extensão, uma “maior consciência das contradições da própria sociedade” (CANDIDO, 1987: 195). Ou ainda, um exemplo no plano literário daquilo que Sérgio Buarque de Holanda concebe como a “liquidação das concepções e formas de vida relacionadas e algum modo ao nosso passado rural e colonial” (HOLANDA, 1989: 53).

Essa decadência da aristocracia rural e o conseqüente esvaziamento de um conjunto de valores e de uma posição postos em xeque em face da nova realidade, mantém, segundo Fernando C. Gil, pontos de contato com a experiência social do ‘fazendeiro do ar’ (GIL, 1997: 185), de Carlos Drummond de Andrade. Num certo sentido, segundo Gil, Belmiro poderia falar como o poeta: “Tive ouro, tive gado, tive fazendas./ Hoje sou funcionário público” (ANDRADE, 1977: 45). Para o estudioso, o verso contempla a origem social do sujeito-narrador que do “ouro” e do “gado” se encontra distanciado.

A partir da ambigüidade estrutural apresentada, o romance capta e estiliza ficcionalmente a percepção do dinamismo histórico, constituindo uma projeção de seu tempo, uma vez que manifesta a complexidade perturbadora de uma sociedade marcada por conflitos e desarmonias. Justamente por isso, a obra é mais do que uma construção bem feita, esteticamente bem elaborada que satisfaz em si mesma: ela é uma imagem nervosa do país. Assim é que *O amanuense Belmiro* indica um forte momento da realidade brasileira, respondendo de forma também estrutural: a um só tempo histórico e estético.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Reunião*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 30 e a cultura. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

GIL, Fernando Gil. *O romance da urbanização*. 202 f. Tese (doutorado em letras). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

LE MOS, Pinheiro. O amanuense Belmiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1937.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Cascavel

REVISTA LÍNGUAS & LETRAS

Versão eletrônica disponível na internet:
www.unioeste.br/saber